



Isaac Newton como Financeiro e Detective

Na linha dos dois últimos artigos, em que revelámos aspetos menos conhecidos da vida de Friedrich Gauss, decidimos começar a contar aos nossos leitores um período, inesperado para muitos, da vida de outro dos Grandes Gigantes da Matemática: Isaac Newton.

Neste artigo vamos revelar como Newton chegou a Director da Casa da Moeda; no próximo como deu caça e prendeu um falsificador com uma inteligência, segundo dizem, à altura da sua: [William Chaloner](#).

E o leitor vai ver Newton revelar-se como um homem de ação, economista e financeiro mas também como um detective notável.

1. Newton na Casa da Moeda

No fim do século XVII a Inglaterra enfrentava dois difíceis problemas.

Por um lado as moedas de prata em circulação desapareciam devido ao facto de uma certa quantidade moedas de prata comprarem menos ouro em Londres do que aquela que se conseguia fundindo-as e, com os lingotes, comprar ouro no continente; depois era só trazê-lo de volta a Londres para comprar, de novo, moedas de prata criando uma máquina de enriquecimento perpétuo.

Por outro circulavam dois tipos de moedas: umas artesanais, de forma indefinida, e cuja quantidade de prata era variável encarregando-se as pessoas de a reduzir retirando pequenas aparas...; outras feitas em máquinas, com formato preciso e composição fiável.

Claro que, enquanto existissem moedas más, ninguém trocava as boas por aquelas pelo que as boas não circulavam.

Foi nessa altura que surgiu a célebre expressão: “ **A moeda má expulsa a boa**” e que vale não só para moedas. Pense na nossa classe política, por exemplo!

Com a necessidade urgente de encontrar soluções para estes problemas o governo inglês resolveu recorrer ao mais inteligente dos seus cidadãos.

E foi assim que, por volta de 1695, com cerca de 53 anos, Newton foi nomeado Director da Casa da Moeda.

2. A solução de Newton

Newton rapidamente percebeu que as medidas punitivas, mesmo a pena de morte, não funcionavam: já existiam há tempos sem êxito.

Com o seu génio concluiu que a solução estava em implementar duas medidas:

- i) Recunhar todas as moedas retirando as artesanais, aparadas, com conteúdo de prata incerto, de circulação;
- ii) Emperrar a tal “máquina de perpétuo enriquecimento” fazendo coincidir o quociente entre os valores faciais das moedas de ouro e prata com o quociente do seu valor real em quantidade de metal.
Em suma a sua proposta era reduzir a quantidade de metal nas moedas de prata.

Mas uma tal medida encontrou forte oposição, entre outros, no grande filósofo e ideólogo [John Locke](#). A medida iria afectar, não só o Rei, mas também os senhores das terras que recebiam as rendas em moedas de prata. Estimou-se que perderiam cerca de 20 % das suas rendas.

Assim foi decidido recunhar as moedas mas não reduzir a quantidade de prata em cada moeda.

3. William Chaloner

Os meados da década de 90 foram anos de ouro para os falsificadores de moeda. A falta desesperada de dinheiro fez florescer esta classe de falsários. Em 1696 Newton calculou que uma em cada 10 moedas era falsa.

Ora entre estes falsários sobressaiu William Chaloner que tinha um grande conhecimento sobre a forma de cunhar moeda e um passado de falsificador e traidor de coniventes.

Resolveu actuar em dois sentidos: sugerindo à Casa da Moeda formas de resolver o problema ao mesmo tempo que montava verdadeiras indústrias de produzir moeda falsa. Um biógrafo seu chamou-lhe “...a sua dupla fraude, servindo e enganando a Nação”.

Foi com este falsário que Newton teve de se haver.

Mas isto fica para o próximo artigo...

Nota: Artigo baseado no livro de Thomas Levenson, Newton and the Counterfeiter